



APRESENTAÇÃO

O presente número reúne ensaios interdisciplinares da mais valiosa contribuição para o estudo das humanidades ambientais, representadas aqui pelos Estudos Indígenas, Literatura, Cinema e pela Filosofia. Tais discussões articulam frutíferas vertentes amparadas por algumas tendências pós-estruturalistas e correntes teóricas mais contemporâneas, como, por exemplo, os estudos humanísticos sobre os animais. Nesse escopo, nossa revista consolida-se como uma proposta interdisciplinar relacionada às humanidades ambientais cujos temas principais giram em torno de discussões sobre a relação entre a intersubjetividade humana e a não humana como pressupostos essenciais de uma crítica que, afinal, mapeia discussões críticas sobre a nossa vida presente. Desse modo, a Revista RILE implementa uma busca incansável por discursos e estratégias em prol de uma melhor relação entre os humanos e o meio ambiente em que vivemos.

O artigo “Memoria y Resistencia de los Pueblos Maya em Guatemala”, de Martha Carolina G. Mandujano, textualiza de forma específica a violenta experiência representada pela memória contemporânea da comunidade Maya na Guatemala e a sua relação problemática com as narrativas hegemônicas do país. O artigo põe em questão uma pergunta paradigmática sobre a relação entre o Estado e a cidadania. Sob a horrenda égide de uma necropolítica que se formalizou como uma prática política nefasta desde os anos sessenta na América Latina, o Estado Guatemalteco tornou-se executor provavelmente de um dos mais cruéis genocídios na América Latina nos finais do século vinte. Em nome de um Estado moderno, e economicamente dependente, esse incomensurável horror foi implementado graças às forças do Imperialismo contemporâneo. Embora a ênfase sobre os problemas ambientais não tenha sido predominantemente a ótica particularizada pelo artigo, é óbvio que há uma relação diretamente proporcional entre a opressão sofrida pelos humanos e os não humanos que tem a terra como um objeto metonímico que não só representa a luta de um povo ancestral, mas a própria subjetividade do planeta.

No artigo, “Entre pessoa e bicho – a limitação do humano”, de Susana Vieira e Paula Cristina Costa, as autoras se propõem a descontar os sentidos que subjazem à visão da escritora portuguesa Maria Velho da Costa, inicialmente, no que se refere à problemática relação entre o humano e o não humano. Procurando uma intermediação entre o estilo poético-filosófico da escritora e sua coerência com as discussões contemporâneas de Agamben, Deleuze & Gatarri, as autoras demonstram que nem sempre o trabalho interno da linguagem literária busca espelhar-se em outras linguagens, por meio da qual busca os seus próprios sentidos sobre coisas e fatos. Essa ideia encontra-se implícita em afirmativas que as autoras designam como “linguagem dos afetos” ou de uma “afetividade em crise”, mediante a qual, em sua leitura, “o animal, e tudo o que é de sua lei, desterritorializa-se para acompanhar a instabilidade e desesperança do humano”. Como resultado, o texto literário, cujas raízes emanam da formação literária de sua escritora, é adjetivado por um sutil existencialismo que caracterizou muitos dos escritores portugueses que iniciaram suas carreiras literárias nos anos sessenta, como é o caso de Maria Velho da Costa. Porém, o texto parece demonstrar “fissuras”, como sugerem as autoras, representadas pela existência de uma criança frente ao brutal condicionamento adulto que caracteriza a relação entre o humano e o não humano. Todavia, se há ou não esperança na existência humana, a análise das autoras deixa em aberto ao leitor como resposta sugerida pelo próprio texto em questão.

No artigo “Criaturas sem nome: por uma ecotradução de espécies animais e seres fantásticos”, Giovanna Chinelatto e Luiz Antonio Lindo desenvolvem uma importante perspectiva para os estudos de Ecotradução, no que se refere à necessidade de uma tomada de posição mais ideológica em favor da escolha de nomes traduzidos que incorporem uma posição mais ecocêntrica que venha privilegiar o olhar humano sobre criaturas e seres fantásticos. Tal perspectiva chama atenção para a importância do comprometimento ideológico do tradutor no que se refere à tomada de decisões mais ecocêntricas, como defende o artigo.

Uma perspectiva ecocrítica é o modelo de leitura proposto por Ivana Franca e Robson Teles para o romance *A House for Mr. Biswas*, do prêmio Nobel em literatura caribenha, V.S Naipaul. Como um romance que particulariza os conceitos de colonialismo, imigração e identidade, o artigo propõe um nível complementar de leitura por meio de uma discussão sobre a relação entre literatura e meio ambiente. Do confronto entre os diversos níveis de enunciação romanesca, a leitura enfatiza criticamente o interesse antropocêntrico sobre a

existência e a preservação da natureza. Como um pedaço do mundo, Trinidad é também a metáfora de outros mundos e suas sociedades humanas marcadas pela escolha de uma modernidade adjetivada pelo lucro, ganância e pela irresponsabilidade sobre o meio ambiente. Enfatizando esses aspectos, a leitura de Franca & Teles direciona o leitor a uma imediata compreensão dos aspectos marcantes que caracterizam a história literária do conflito ambiental contemporâneo, que culminou com a irreversível destruição planetária, sutilmente representada no romance.

Do romance profético de V.S Naipaul, ao texto filmico, pode-se estabelecer uma relação analógica entre diferentes aspectos relacionais que tematizam desde a exploração econômica deliberada da natureza (como no romance de Naipaul) até a sua apropriação indevida em nome de interesses pessoais, como é o caso do filme *Kindgom, Ashin of the North*, como bem demonstra Sarita Bora et all. No referido filme, o épico e o poético unem-se em benefício do subgênero gótico, como formas de expressão de uma crítica massiva aos valores humanos e a sua precariedade diante da onipotência da natureza. Diferente do solitário romance, o gênero cinematográfico assume total controle sobre uma audiência mais universal e de maior alcance do público de massa. Entretanto, quando colocados frente ao escrutíneo de ávidos leitores e espectadores críticos, vê-se que os dois gêneros possuem poderosas ferramentas críticas e complementares a serviço de uma crítica inteiramente consolidada, como é o caso da crítica ecológica pertencente às humanidades.

Os dois últimos artigos que fazem parte do presente número, “A Máquina capitalista e o corpo sem órgãos da terra: a potência de um devir inumano”, de Marcus Alexandre Cavalcanti, e “Amamos verdadeiramente a Natureza? Um diálogo com Khrisnamurti”, de Zélia M. Bora, formalizam leituras respaldadas pela filosofia para chegarem a fins diferentes, embora complementares, sobre a relação entre o humano e o não humano. O primeiro deles estabelece um amplo diálogo de bases pós-estruturalistas que desenvolveu suas amplas raízes sob o pensamento de Deleuze & Guattari. Escolhendo essas duas vertentes teóricas, o artigo faz também menção a outras tradições de igual modo preciosas aos estudos ambientais, como são as de Nietzsche, Foucault e as de Mbembe. Sob uma coerente capacidade de se inter-relacionarem ao didático, o autor sugere teoricamente que todos estes teóricos, quando considerados sob a luz de uma só questão, ou seja, a sobrevivência do planeta, são capazes de prover um potente acervo de ideias preciosas aos argumentos ambientalistas.

Finalmente, a última reflexão que compõe este número encontra-se respaldada em uma só pergunta, que interpela, de forma contundente, por meio da palavra **amor** a suposta relação que une o ser humano à natureza. Tomando por base alguns dos pressupostos debatidos pelo filósofo indiano Jiddu Khrisnamurti, Zélia Bora transpõe as constatações do filósofo como ponto de partida para a narração de suas próprias constatações tanto como pessoa quanto defensora do direito dos animais, para alcançar conclusões próprias, as quais são colocadas de forma aberta e direta, em consonância com o estilo popularizado pelo filósofo. Embora a pergunta que dá nome ao artigo represente uma pergunta sem resposta, a autora compartilha com o leitor profundas conjecturas oriundas dos fatos elencados.

Assim, esperamos que nossos artigos possam lhes servir como pontos de partidas para novos estudos relacionados às humanidades ambientais.

Uma boa leitura,
As Editoras